

Dor e significante

Pain and Signifier

FEDERICO LUDUEÑA

RESUMO:

O presente trabalho aborda a noção de dor a partir de uma perspectiva significativa, articulando contribuições da neurociência, da antropologia estrutural e da psicanálise. São examinados fenômenos como a dor fantasma, o especismo e o masoquismo, mostrando como a dor se inscreve em sistemas discursivos e adquire sentidos diversos segundo coordenadas simbólicas, históricas e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: dor – significante – psicanálise – neurociência – especismo – masoquismo – discurso – cultura.

ABSTRACT:

This paper addresses the notion of pain from a signifier-based perspective, articulating contributions from neuroscience, structural anthropology, and psychoanalysis. It examines phenomena such as phantom pain, speciesism, and masochism, showing how pain is inscribed within discursive systems and acquires diverse meanings depending on symbolic, historical, and cultural coordinates.

KEYWORDS: pain – signifier – psychoanalysis – neuroscience – speciesism – masochism – discourse – culture.

Amy: E se estivermos presos em uma simulação?

Frank: Bem, como saberíamos?

(Amy o belisca)

Frank: Ai!

Amy: Acho que isso resolve a questão.

Frank: Talvez tenham me programado para dizer ‘ai’.¹

A noção de compreensão tem uma significação muito nítida. É um mecanismo do qual Jaspers fez, sob o nome de relação de compreensão, o pivô de toda a sua psicopatologia chamada geral. Consiste em pensar que há coisas óbvias, que, por exemplo, quando alguém está triste é porque não tem aquilo que seu coração deseja. Nada mais falso: há pessoas que têm tudo o que seu coração deseja e continuam tristes. A tristeza é uma paixão de natureza muito diferente. Gostaria de insistir. Quando dão um tapa numa criança, pois bem!, ela chora, isso se compreende; sem que ninguém reflita que não é obrigatório que chore. Lembro-me do garotinho que, quando levava um tapa, perguntava: É um

¹ Hang the DJ, *Black Mirror*, T4E4

carinho ou uma bofetada? Se lhe diziam que era uma bofetada, chorava; fazia parte das convenções, da regra do momento; e se era um carinho, ficava encantado.²

Introdução:

Para a neurociência, a dor física é produto da estimulação de terminações nervosas chamadas nociceptores. As duas ideias centrais que essa disciplina propôs historicamente são: que se não há estímulo – não há dor; e que, quando há dor – haverá conduta evitativa por parte do organismo. Entretanto, nenhuma dessas duas afirmações é completamente correta. Há dor sem nociceptores estimulados – dor fantasma, algumas manifestações de dor crônica –, e há ocasiões em que não apenas não se produz conduta evitativa, como também, no humano, busca-se ativamente a dor, tal como em certas práticas sexuais e outras práticas de índole diversa.

A explicação dessas situações não é biológica, mas essencialmente simbólica. Lévi-Strauss expõe isso dizendo que a dor nos povos originários pode ser tolerada graças ao filtro discursivo que integra um sistema de crenças no qual os indivíduos estão inseridos. Eles não usam o sistema; estão dentro dele, e por isso o xamã é eficaz em sua função.

Quando Lévi-Strauss escreveu *Antropologia Estrutural* (1958), dispunha apenas da psicanálise como referência no mundo ocidental. Hoje podemos acrescentar os estudos sobre placebo, que têm a vantagem de abranger tanto a determinação simbólica quanto seu correlato orgânico.

1. A definição de dor da Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP)

Essa organização diferencia-se das posturas clássicas da neurociência em relação à dor, pois inclui nuances socioculturais. Embora elas não estejam claramente presentes na definição, aparecem nas notas que a seguem.

Segundo essa instituição, a dor é:

Uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a, ou semelhante à associada a, um dano tecidual real ou potencial. (IASP, 2020)

² Lacan, J. (2006) *Seminário 3: As psicoses*. Buenos Aires: Paidós. pp. 15-16

2. Notas da IASP acerca da definição:

2.1 A dor é sempre uma experiência pessoal influenciada, em diferentes graus, por fatores biológicos, psicológicos e sociais;

2.2 Dor e nociceção são fenômenos diferentes. A dor não pode ser inferida unicamente da atividade dos neurônios sensoriais;

2.3 Através de suas experiências de vida, as pessoas aprendem o conceito de dor;

2.4 Deve-se respeitar a descrição que uma pessoa faz de uma experiência como dor;

2.5 Embora a dor geralmente tenha uma função adaptativa, ela pode produzir efeitos adversos sobre o funcionamento e o bem-estar social e psicológico;

2.6 A descrição verbal é apenas uma das várias condutas para expressar dor; a incapacidade de comunicar-se não nega a possibilidade de que um ser humano ou um animal não humano experimente dor.

As raízes biológico-filosóficas da concepção tradicional de dor podem ser encontradas no *Tratado do Homem*, publicação póstuma de René Descartes, embora escrita muitos anos antes de sua morte. O filósofo francês sustentava que a dor não se encontrava no pé que sente o ardor do fogo, mas no cérebro que processa essa informação. É desse livro que provém a imagem amplamente divulgada que ilustra as ideias do filósofo.



A excitação da fibra marcada C começa no pé, mas não é ali que a dor se produz, e sim no cérebro, destino final do estímulo. Segundo esse modelo, no corpo-máquina, para que haja dor é necessário haver lesão – embora veremos que Descartes também considera outras situações. No século XX, o anestesiológista estadunidense Henry Beecher, um dos precursores dos estudos sobre placebo, descreveu

³ Descartes, R. (1664). *Tratado del hombre*. España: Gredos. p692

como pode haver lesão e, ainda assim, não haver dor. Em seu trabalho como anestesiolista na linha de frente durante a Segunda Guerra Mundial, Beecher observou que soldados com ferimentos consideráveis não se queixavam de dor. A hipótese de Beecher era que essas feridas representavam algo para os soldados; não eram um mero acidente, mas uma demonstração de valentia e compromisso patriótico. Nessas coordenadas significantes, a dor desaparecia ou era marcadamente atenuada.

3. Dor fantasma

Um dos fenômenos mais interessantes da dor é a **dor fantasma**, assim chamada por corresponder a uma parte inexistente do corpo, um membro amputado. No *Tratado do Homem* aparece uma das descrições mais antigas da dor fantasma. Descartes a expressa da seguinte maneira:

Quando uma menina cuja mão estava infectada por uma grave doença era vendada toda vez que o cirurgião se aproximava (...), e quando depois de alguns dias amputaram-lhe o braço até o cotovelo devido à gangrena (...), às vezes ela se queixava de sentir diversas dores na mão amputada (...). Isso evidentemente não podia dever-se a outra razão senão ao fato de que os nervos que antes desciam do cérebro até a mão (...) passaram a terminar no braço junto ao cotovelo (...). E isso mostra claramente que uma dor na mão não é sentida porque a alma esteja na mão, mas apenas porque está no cérebro.⁴

O desenho experimental detalhado por Descartes é muito astuto – principalmente, se realmente pôde ser realizado sem que a menina percebesse-, e lembra os modernos estudos sobre placebo, nos quais a inoculação de certas substâncias químicas deve ser feita sem que o sujeito do experimento note. Embora Descartes não recorra a nada além de terminações nervosas - que passam da mão ao cotovelo-, ele abre caminho para uma interpretação discursiva do fenômeno.

A percepção do membro fantasma refere-se à ilusão dos pacientes amputados de que a extremidade perdida ainda continua em seu lugar. A partir disso, esses pacientes também desenvolvem dor fantasma, de difícil tratamento, já que não há nociceptores a serem inibidos por qualquer droga. Uma das explicações do membro fantasma afirma que se trata de novas rotas de circuitos neuronais e, como exemplo, apresenta a circunstância em que, ao tocar um lado do rosto, sente-se esse estímulo na mão ausente do lado correspondente. É uma explicação neurológica plausível. Mas ela não cobre o caso das pessoas nascidas com tetra-amelia (sem nenhuma das quatro extremidades), que também desenvolvem

⁴ Descartes, R. (1983). *Principles of Philosophy*. Netherlands: Kluwer. §196

membro e dor fantasma. A explicação simbólica parece aqui mais adequada. Pode-se propor a hipótese de que o esquema corporal de uma pessoa com tetra-amelia se ajusta ao esquema corporal fornecido pela sociedade em que vive.



Um exemplo famoso de tetra-amelia vem do cinema: Prince Randian, um dos protagonistas do filme *Freaks*. Randian também foi uma figura muito popular no mundo do espetáculo circense alternativo (*side-show*). Seu número principal consistia em acender um cigarro e fumá-lo.

Johnny Eck, por sua vez, nasceu “cortado abaixo do umbigo”, como ele próprio dizia. Foi um artista prolífico em diversas disciplinas e participou de um dos números mais impactantes da história da magia. Como tinha um irmão gêmeo, costumava tirar proveito disso. Tal como descreve o historiador Ricky Jay, um espectador subia como voluntário para ser colocado em uma caixa e cortado ao meio. Depois de ser recomposto, o espectador retornava ao seu assento, mas, nesse percurso, seu torso caía para um lado e saía correndo sobre as mãos, enquanto as pernas fugiam na direção oposta. O espectador não era outro senão o irmão gêmeo de Eck, que dentro da caixa era substituído por Eck, montado sobre uma pessoa pequena vestida com calças.

Por não possuir aparelho genital, Eck apresenta um desafio para a teoria freudiana da castração, dado que, por exemplo, nunca poderia ter passado pela ameaça de castração, entre outras coisas.

4. Especismo

Em sua obra seminal *Animal Liberation*, Peter Singer propõe o termo “especismo”, que define da seguinte maneira:

⁵ Prince Randian y Johnny Eck em *Freaks* (Tod Browning, 1932).

O especismo – a palavra não é muito atraente, mas não me ocorre um termo melhor – é um preconceito ou uma atitude enviesada em favor dos interesses dos membros da própria espécie e contra os das outras espécies. Deveria ser óbvio que as objeções fundamentais ao racismo e ao sexismo formuladas por Thomas Jefferson e Sojourner Truth aplicam-se igualmente ao especismo. Se possuir um maior grau de inteligência não dá a um ser humano o direito de utilizar outro para seus próprios fins, como pode dar aos humanos o direito de explorar os não humanos com o mesmo propósito?⁶

O complexo industrial-animal, isto é, as granjas massivas de criação e abate de animais com o objetivo de fornecer carne ou ovos, é um dos aspectos da ação especista. Outro são as pescas indiscriminadas. Um exemplo de especismo culinário é o costume de jogar lagostas vivas em água fervente. O argumento justificatório é a ausência de dor nesses animais marinhos.

O especismo não é apenas homeomórfico ao racismo e ao sexismo, mas também – e é isso que nos interessa aqui – ao escravismo. Com **homeomórfico**, queremos dizer que são discursos que possuem a mesma estrutura e que, portanto, funcionam de modo semelhante.

A questão da dor foi invocada para separar o humano do não humano, tanto no especismo quanto no escravismo. A dor adquire uma função social de submissão. No caso do genocídio da América do Norte, também se recorreu à ausência de dor para justificar os massacres. Vale destacar que houve escravização de povos originários nos Estados Unidos, alvo preferencial das campanhas de extermínio.

David B. Morris resgata a opinião extrema e cruel de um médico e de uma prestigiosa revista do século XIX a respeito da dor e da escravidão:

O Dr. J. Marion Sims, o mais distinto cirurgião ginecológico dos Estados Unidos, realizou operações experimentais insuportáveis em mulheres escravizadas, as quais justificou explicando que as mulheres brancas não suportavam a dor. “As negras suportam os cortes com quase – se não com a mesma – impunidade que os cães e os coelhos.” afirmou a *British Medical and Chirurgical Review* em 1817.⁷

A dor, em suma, não é uma experiência individual. Ela surge do entrelaçamento discursivo de diversos períodos históricos em diferentes culturas, e esse entrelaçamento gera distintos sujeitos da dor, tal como ocorre com o sujeito da percepção.

⁶ Singer, P. (2002). *Animal liberation*. New York: HarperCollins Publishers. p. 35.

⁷ Morris, D.-B. (1991). *The culture of pain*. Oakland: University of California Press. p. 40.

5. Eliminação da determinação simbólica

Aqui temos outro exemplo de discursos homeomórficos. No caso de certas pesquisas, tanto as de percepção quanto as de dor, pretendem eliminar o sujeito por meio da erradicação das linguagens e dos discursos.

Erradicação do sujeito perceptivo: em estudos transculturais, mediu-se a suscetibilidade às ilusões de Ilusão de Müller-Lyer e Sander, e constatou-se que alguns povos africanos não percebem claramente a ilusão. A hipótese de certos pesquisadores é que isso se deve à pigmentação da retina (da qual, curiosamente, a pigmentação da pele seria um indicador). A hipótese do determinismo simbólico é que esses povos vivem em sociedades não carpinteiras (os ângulos não fazem parte da vida cotidiana, pois não há produtos angulares criados pela mão humana) e, por isso, percebem fracamente as ilusões geométricas mencionadas.

Erradicação do sujeito da dor: é a tentativa de eliminar a descrição da dor fornecida pelo indivíduo mediante a inclusão de novas tecnologias médicas (fMRI, PET). Inclusive o clássico questionário de dor de McGill acaba por eliminar o sujeito, pois oferece ao paciente um conjunto de adjetivos pré-selecionados, que não necessariamente serão úteis para uma descrição adequada da dor.

6. Masoquismo (BDSM e DSM)

A dor pode ser buscada para gerar êxtase espiritual, experiências místicas, como é o caso de Santa Catarina de Siena,⁸ ou pode ser buscada para alcançar o êxtase sexual. É o que ocorre com a prática que o psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebbing descreveu em sua obra *Psychopathia Sexualis*. Nessa obra lê-se:

A associação entre crueldade e violência suportadas passivamente com a luxúria: masoquismo.

Por masoquismo, entendo uma peculiar perversão da *vita sexualis* psíquica, na qual o indivíduo afetado, em seu sentimento e pensamento sexual, é controlado pela ideia

⁸ Idem. p. 133

de estar completa e incondicionalmente submetido à vontade de uma pessoa do sexo oposto; de ser tratado por essa pessoa como por um amo, humilhado e maltratado.⁹

Em sua definição ampliada, está implícito que o masoquismo requer um ataque à dignidade, não necessariamente produzindo dor. O indivíduo não fica em posição de decidir o que é digno e o que não é para sua própria visão da prática sexual: isso é decidido pela medicina ou pelo Estado.

Sigmund Freud dedicou especial atenção ao masoquismo porque ele questiona diretamente a ideia de que o organismo se rege pelo princípio do prazer. Em *O problema econômico do masoquismo*, Freud descreve a prática incluindo a dor como característica essencial.

Ser amordaçado, amarrado, golpeado dolorosamente, açoitado, maltratado de qualquer maneira, submetido à obediência incondicional, sujado, denegrido. É muito mais raro que mutilações estejam incluídas nesse conteúdo. Quando isso acontece, impõem-se grandes limitações a elas.¹⁰

Um aspecto a considerar na nosografia psiquiátrica é que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) enfatiza que algumas parafilias – perversões-, podem ser criminalizadas a partir da noção de consentimento. Embora isso não se aplique ao masoquista, aplica-se à sua contraparte necessária: o sádico. Se fosse estabelecido que, em um encontro entre o masoquista e o sádico, não houve consentimento por parte do primeiro, então o sádico terá cometido um delito. A dor na prática sexual ingressa, assim, no campo jurídico.

Para resolver o problema que o masoquismo lhe apresenta, Freud (1924) argumenta que produzem-se uma mistura e uma combinação, muito amplas e de variadas proporções, entre as duas classes de pulsão, sendo elas as pulsões de vida e morte. Isso apresenta uma dificuldade epistemológica, pois faz com que a teoria se torne invulnerável à falseabilidade: a mistura e a combinação alegadas por Freud cobrem todo o espectro de situações possíveis. Nos termos de Karl Popper, a classe dos possíveis falseadores fica vazia.

⁹ Krafft-Ebing, R. von. (1894). *Psychopathia sexualis: With especial reference to contrary sexual instinct; a medico-forensic study* (F. J. Rebman, Trans.). London: A. P. Watts & Co. p. 89.

¹⁰ Freud, S. (1924). “El problema económico del masoquismo”. En *El yo y el ello y otras obras (1923–1925)* (Obras completas, Vol. 19, pp 161-176). Amorrortu. p.168.

Conclusões:

A partir do paradigma significante, a dor é incorporada como mais um elemento do sistema e adquire seus diversos sentidos a partir disso. A dor buscada – seja como prática sexual vide o masoquismo, como entretenimento – Jackass –, como experiência religiosa tais como os flagelantes da Idade Média e a dança do sol de alguns povos originários da América do Norte, ou ainda como competição – ingerir vegetais extremamente picantes –, sendo que nenhum desses acontecimentos enfraquece a teoria significante; ao contrário, a sustenta, evidenciando a diversidade que aparece quando se parte da ideia de que o significante não significa nada por si só e de que não existe isolado do sistema que lhe confere significado.

BIBLIOGRAFIA:

1. Bourke, J. (2014). *The story of pain: From prayer to painkillers*. Oxford: Oxford University Press.
2. Corns, J. (Ed.). (2017). *The Routledge handbook of philosophy of pain*. Oxfordshire: Routledge.
3. Cowart, L. (2021). *Hurts so good: The science and culture of pain on purpose*. New York: Public Affairs, Hachette Book Group.
4. Descartes, R. (2005). *Tratado del hombre* (C. Flórez Miguel, Estudio introd.). En *Obras* (Colección Biblioteca de Grandes Pensadores, pp. 730). Madrid: Editorial Gredos.
5. Descartes, R. (1983). *Principles of philosophy* (V. R. Miller & R. P. Miller, Trans.). Netherlands: Kluwer Academic Publishers.
6. Eidelsztejn, A. (2022). *No hay sustancia corporal: Controversias sobre el cuerpo, la sociedad y el psicoanálisis* (2ª ed.). Buenos Aires: Letra Viva.
7. Eidelsztejn, A. (2018). El conflicto del psicoanálisis ante las problemáticas actuales. *El rey está desnudo: Revista del psicoanálisis por venir*, 13. <https://eidelsztejnalfredo.com.ar/el-conflicto-del-psicoanalisis>
8. Fischel, J. J. (2019). *Screw consent: A better politics of sexual justice*. Oakland: University of California Press.
9. Freud, S. (1924). “El problema económico del masoquismo”. En *El yo y el ello y otras obras* (1923–1925) (Obras completas, Vol. 19, pp 161-176). Buenos Aires: Amorrortu.
10. Jay, R. (1986). *Learned pigs & fireproof women*. Miami: Villard Books.
11. Kandel, E. R., Koester, J. D., Mack, S. H., & Siegelbaum, S. A. (2021). *Principles of neural science* (6th ed.). Columbus: McGraw-Hill Education.
12. Krafft-Ebing, R. von. (1894). *Psychopathia sexualis: With especial reference to contrary sexual instinct; a medico-forensic study* (F. J. Rebman, Trans.). London: A. P. Watts & Co.
13. Lacan, J. (2006). *El seminario, libro 3: Las psicosis* (1955–1956). Buenos Aires: Paidós.
14. Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1996). *Diccionario de psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.
15. Lévi-Strauss, C. (1987). *Antropología estructural* (E. Verón, Trans.; G. Sanz, Tech. Rev.). Buenos Aires: Paidós.
16. Levine, J. D., Gordon, N. C., & Fields, H. L. (1978). The mechanism of placebo analgesia. *The Lancet*, 2(8091), 654–657.
17. Morris, D. B. (1991). *The culture of pain*. Oakland: University of California Press. Purves, D., Augustine, G. J., Fitzpatrick, D., Hall, W. C., LaMantia, A.-S., & White, L. E. (2018). *Neuroscience*. Oxford: Sinauer Associates.

FEDERICO LUDUEÑA

Psicanalista. Investigador no cruzamento entre psicanálise, filosofia e ciências cognitivas.

E-mail: federico.luduenaa@gmail.com